

Filosofia e cultura popular em Tomás de Aquino

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela
Universidade Federal de Mato Grosso.

1. O mirandum: princípio do filosofar

O filósofo não se afasta das realidades quotidianas para filosofar; ao contrário, afasta-se da forma desatenta com que tratamos estas realidades.¹ O *mirandum* (admirável), que os gregos chamavam de princípio do filosofar, não é suscitado num encontro com o incomum e o anormal, mas por um encontro incomum com o comum e rotineiro, e um anormal assombro com o normal dia-a-dia.²

Para exemplificar esta sentença, pensemos no início do diálogo *De Ordine*, de Agostinho. Certa madrugada, Agostinho acordado, encontrava-se, como de costume, absorto em seus pensamentos. Num dado momento, percebeu que o ruído da água que fluía pelos locais dos banhos, alternava-se: ora distinto, ora confuso. Aquilo lhe prendeu a atenção mais do que o habitual. Licêncio, casualmente estava acordado naquela noite. Tentava matar os ratos que o molestavam. Trigêcio também estava acordado, embora ninguém percebesse, pois naquela região da Itália era parca a luminosidade, mesmo para quem tivesse recursos. Ora, por conta disso tudo, começaram um debate casual e amistoso acerca da razão pela qual Agostinho tinha-se admirado com um fato tão corriqueiro. Agostinho se justificava dizendo que o impressionara, na verdade, algo insólito, que se encontrava “fora da ordem evidente das causas”, a saber, a alternância no ecoar da água. Licêncio retrucou que concordava com o “fora do evidente”, mas não concedia ao “fora da ordem”, e assim deu-se início a um dos mais

1 LAUAND, Luiz Jean. **O Filósofo e o Poeta**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/geral/naftalina/poet.htm>>. Acesso em: 13/08/2006: “Assim, o filósofo não se afasta de modo algum da realidade quotidiana, mas sim das interpretações e valorações quotidianas do mundo e do trabalho.”

²*Idem. Ibidem*: “A admiração filosófica não é suscitada pelo ‘nunca se viu tal coisa’, por aquilo que é anormal ou sensacional... Perceber no comum e no diário aquilo que é incomum e não diário, o *mirandum*, eis o princípio do filosofar.”

célebres diálogos do pensamento ocidental sobre da ordem das coisas. Como ele começou? Ouçamos o fato inusitado narrado pelo próprio Agostinho:

Portanto, como disse, eu estava acordado, quando o ruído da água, que fluía ao longo por trás dos locais dos banhos, chegou-me aos ouvidos e prendeu-me a atenção mais fortemente do que o usual. Parecia-me admirável que a mesma água, precipitando-se por entre as pedras, ecoasse ora com um som muito mais distinto ora com um ruído mais confuso. Comecei, então, a investigar qual seria a causa dessa alternância. Confesso que não me ocorria uma explicação (...) aquele curso das águas levou-me a dizer algo do mesmo (...).³

Com efeito, assim se inicia um dos mais eloquentes diálogos filosóficos da antiguidade tardia. Um fato aparentemente “insosso”, mas que chama a atenção de um filósofo, que conseguiu perceber no ocorrido algo a mais do que simplesmente um acontecimento “inócuo”. Dá-se, então, o início de um diálogo: num lugar inóspito, sem luz e com ratos, e talvez num horário que não fosse o mais propício. O fato é que ali começou a nascer mais um clássico da literatura filosófica ocidental.

Outro fato inusitado, ocorrido no mesmo diálogo, é o encontro dos amigos que caminhavam com uma *briga de galos*. Na proporcionalidade dos movimentos, na beleza e harmonia das reações de vencedor e vencido, em tudo, enfim, eles viam uma razão superior que regia aqueles animais destituídos de razão. Conseguiram ver naquela luta de galos a manifestação da lei da natureza, e a ordem da Providência, de um modo tão inesperado, que só cedendo-lhes a palavra para percebermos o seu alcance:

Assim era também naqueles mesmos galos: suas cabeças projetadas para a frente, as plumagens eriçadas, golpes violentos, cautelosas atitudes para esquivar-se dos ataques, e tudo proporcional em cada movimento dos animais desprovidos de razão, mas sem dúvida tudo sendo regulado por uma outra razão superior. Finalmente, a lei do vencedor: o canto altivo e todo o seu corpo recolhido como que num só círculo para orgulho do seu domínio; e o sinal do vencido: suas asas depenadas, deforme a sua voz e desfigurados os seus movimentos. Não sei como,⁴ mas tudo isso manifesta beleza e harmonia com as leis da natureza.

³ AGOSTINHO. **A Ordem**. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. Bento Silva Santos e Joaquim Pereira de Figueiredo. São Paulo: Paulus, 2008. I, 6 e 7.

⁴ *Idem. Ibidem*. I, 25.

A simplicidade deste cuidadoso encontro com o corriqueiro, Pieper encontra-a registrada na mais rica tradição filosófica. De fato, para ele, não somente Platão e Agostinho, mas também Aristóteles e Tomás desconheciam estar na terminologia especializada o ato basilar do verdadeiro filosofar.⁵ Com efeito, é na simplicidade – que reside na atenta consideração das experiências mais comuns da vida – que se encontra, segundo Pieper, o ato fundante de todo autêntico filosofar, e o selo de credibilidade de qualquer filósofo.⁶ Por conseguinte, a linguagem comum deve ser o “garimpo” de todo filósofo. Na verdade, a própria palavra precisão, em filosofia, tem pouco sentido. O filosofar, justamente porque busca o todo, encontra-se dispensado das cisões próprias às ciências particulares. De fato, “pre-cisão” vem de *cisão*, que significa *corte*. Portanto, prescindir – “pré-cindir” – é fechar-se, de antemão, a um aspecto da realidade que não pode ser omitido por aquele que busca o todo, isto é, pelo filósofo.⁷

2. *O mirandum na tradição filosófica clássica*

Tomemos um jantar, regado a vinho e outras iguarias. Lugar de entretenimento e descontração. Ora, entre quitutes apetitosos e todas as saborosas iguarias de um comensal, pode haver tempo propício e fecundo para o início de uma boa conversa filosófica? A própria tradição filosófica nos atesta: sim! Ou o que dizer da clássica obra de Platão, intitulada: *O Banquete*? Com efeito, ela nasceu em meio a um clima amistoso e nada tinha que ver, a princípio, com a seriedade e formalidade próprias das nossas academias. Vejamos, então, de relance, o clima em que fora celebrado o famoso *Symposion*:

Banquete ou *Symposion* é mais propriamente uma narração do que um diálogo. É a narrativa feita por Apolodoro a um ou mais amigos, do que ouvira a Aristodemo acerca do banquete que Agáton, poeta trágico de

⁵ PIEPER, Joseph. **Prólogo a *Lesebuch***. pp. 5-6. "Não só Lao-Tse, Platão e S. Agostinho, mas também Aristóteles e S. Tomás - por improvável que isso possa parecer - ignoram toda terminologia especializada" In: LAUAND, Luiz Jean. **Método e Linguagem no Pensamento de Joseph Pieper. Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. p. 131.

⁶ LAUAND, Luiz Jean. **Método e Linguagem no Pensamento de Joseph Pieper**. LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. pp. 132 e 133: “E a simplicidade é – prossegue Pieper – o ‘selo de credibilidade’ do filósofo e onde não a encontrarmos devemos desconfiar.”

⁷ *Idem. Ibidem*. p. 118: “A propósito, é oportuno recordar que precisão – etimológica e realmente- significa corte (...)”.

grande mérito, havia oferecido a alguns amigos mais íntimos no dia seguinte ao de uma grande festa em que comemorara um dos seus triunfos teatrais. A esse banquete haviam estado presentes, entre outras pessoas, o próprio Aristodemo, amigo e discípulo de Sócrates; Fedro, o jovem retórico, discípulo do grande sofista Hípias, de Élis; Pausânias, rico e corrupto ateniense (...) Com eles estava também o velho Sócrates, o mesmo alegre conviva irônico de sempre, que não perdia oportunidade para conduzir a conversação para as discussões filosóficas. (...) Pausânias propôs então que em lugar de beberem, como é costume num “symposio”, ficassem ali a conversar, a discutir ou que cada um fizesse um discurso. Este alvitre de Pausânias foi aceito. Erixímaco lembrou que cada um dos convivas fizesse um elogio ao amor. O assunto deste diálogo é, pois, o Amor. (...)”⁸

Ademais, como não evocarmos o eloquente exemplo a que nos remete mais uma vez Agostinho, cuja obra figura entre as mais importantes da história do pensamento ocidental? Ele, durante um retiro de férias, próximo ao seu trigésimo segundo aniversário, juntou uns amigos e alunos e partiu para a chácara de seu dileto Verecundo. Lá, entre tantos relaxamentos, construiu diálogos e trabalhos filosóficos do porte de: *A Vida Feliz, Contra os Acadêmicos, A Ordem e Solilóquios*. Vejamos como o introdutor nos descreve o ambiente, literalmente familiar e fraterno, em que nasceram algumas das obras, cuja influência posterior no Ocidente cristão, foi sem par:

Era fim de outono de 386, precisamente, 13 de novembro, data do 32º aniversário de Agostinho. Reunido com seus amigos e discípulos: Alípio, Licêncio, Trígésio, seu irmão Navígio, seu filho Adeodato e sua mãe Mônica, na chácara cedida por seu amigo Verecundo, em Cassiciaco, Agostinho conduzirá um diálogo em torno de um tema clássico e fundamental para a Antigüidade: a felicidade. Desses três dias nasceu a obra, *A vida feliz*. Trata-se de um diálogo filosófico na mesma linha das outras obras produzidas neste retiro: *Contra os Acadêmicos, A ordem e os Solilóquios*.⁹

⁸ **Introdução ao Banquete de Platão.** In: PLATÃO. **Apologia de Sócrates/ Banquete.** Trad. Jean Melville. Rev. Antonio Carlos Marques. São Paulo: Martin Claret, 2002. pp. 87 e 88.

⁹ FRANGIOTTI, Roque. **Introdução A Vida Feliz.** In: Agostinho. **Solilóquios/ A Vida Feliz.** Trad. Ir. Nair de Assis Oliveira. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. p. 111. A título de exemplos, citemos algumas passagens do *Contra Acadêmicos*. A *primeira discussão* se encerra para dar início a um *passeio*, seguido por uma *conversa* e “regado” por um *banho*. Diz Agostinho, mediador da discussão entre Licêncio e Trígésio: AGOSTINHO. **Contra os Acadêmicos.** Trad. Agostinho Belmonte. Rev. Joaquim Pereira Figueiredo. São Paulo: Paulus, 2008. I, IV, 10: “Julguei que devíamos atender ao seu pedido, e como os demais não se opusessem, levantamo-nos e fomos passear. Conversamos sobre vários assuntos, enquanto Licêncio permanecia absorto em reflexão. Afinal, vendo que era inútil, preferiu relaxar o espírito e juntar-se à nossa conversa. Depois, já ao cair da tarde, os dois voltaram à mesma discussão. Mas eu os refreei e convenci-os a deixá-la para outro dia. E fomos aos banhos.” No livro dois, uma discussão que ocorre durante um passeio no campo, se encerra assim: *Idem. Op. Cit.* II, IV-V, 13-14: “E quando ele ia prosseguir, nossa mãe – pois já tínhamos chegado à

Boas férias também podem render bons livros! Existe coisa mais comum do que férias numa chácara, junto à família e amigos, para a celebração de um natalício? Que há de mais corriqueiro do que companheiros conversando sobre o que é a felicidade? No entanto, quanta cultura, quanta produção nasceu daquela simplicidade clássica! Apenas para exemplificar, no diálogo *Contra Academicos* citado acima, surge uma aporia acerca do conceito de provável ou verossímil cunhado pelos cétricos da *Academia*. Agostinho precisa refutar tal conceito para conseguir articular a sua tese segundo a qual nós podemos chegar ao conhecimento da verdade. Ora, ele faz questão de frisar que só conseguiu achar o argumento contra tal conceito, durante um passeio, a lazer, pelos campos da fazenda onde se encontravam os componentes do diálogo

Considerarei, pois, os argumentos que a fazenda e o campo me fornecem. (...) No lazer deste campo durante longo tempo eu me interrogava como esse provável ou verossímil pode garantir nossas ações contra o erro. Inicialmente quando eu vendia estas idéias, pareceu-me, como é natural, que era um refúgio admiravelmente coberto e defendido. Mas, depois que examinei tudo com mais cautela, pareceu-me ver uma abertura por onde o erro pode investir contra os que se sentem seguros.¹⁰

Não poderíamos deixar de registrar – encerrando este intróito – uma passagem pitoresca na vida do próprio Tomás de Aquino, que também não deixa de aludir ao fato de os medievais serem os herdeiros mais imediatos dos grandes banquetes da antiguidade pagã. Certa feita, o Rei de França – Luís – convidou Frei Tomás para tomar a refeição na sua corte. Depois de relutar, o Frade Mendicante acabou cedendo aos insistentes convites do Rei. Contudo, estando à mesa para fazer a refeição, repentinamente sobreveio-lhe uma inspiração. Depois de um pequeno interregno de silêncio, ocorreu-lhe dar um soco na mesa e exclamar: “desta vez a heresia maniquéia está liquidada”¹¹. Ora, isto mostra, até de uma forma hilária e jocosa, que, mesmo entre os manjares do Rei da França, o Frade de Rocassecca via-se

nossa casa – começou a chamar-nos com tal insistência para o almoço, que não houve mais lugar para nenhum discurso. Depois que nos alimentamos o suficiente para satisfazer a forma, voltamos ao campo (...)”.

¹⁰ AGOSTINHO. *Op. Cit.* III, XV, 33-34:

¹¹ TOCCO, Guilherme. *Vita Sancti Thomae Aquinatis*. cap. 43, pp. 116- 117. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. *Santo Tomás de Aquino: O Boi Mudo da Sicília*. São Paulo: EDUC, 1992. p. 28: “Um dia São Luís tinha convidado Tomás para uma refeição. O mestre tinha se recusado humildemente por causa do trabalho intenso que lhe dava a Suma de teologia que ele estava compondo. Mas, sob a ordem expressa do rei e do prior de Paris, ele tinha deixado sua tarefa e se dirigido à corte, com o espírito ainda inteiramente ocupado com seu assunto. Ele estava sentado ao lado de São Luís. Repentinamente, uma espécie de inspiração lhe trouxe a solução. Ele deu um soco na mesa e exclamou: ‘desta vez a heresia maniquéia está liquidada!’”

assediado por ideias profundas... Hoje isso é quase impensável, mas na Idade Média, heresias como o “maniqueísmo” podiam ser desarticuladas durante o jantar de um frade...

Não que não possa existir uma linguagem técnica que se distinga da linguagem comum; não que não se deva reconhecer também certa distinção entre o popular e o filosófico. Ocorre, porém, e é esta a lição que a Idade Média nos convida a contemplar, que não existe ou não deveria existir a justaposição entre o conhecimento filosófico e a simplicidade da vida. Mais do que a Idade Média ou Tomás, é a história que nos adverte que a cultura popular deve caminhar ao lado do conhecimento filosófico.

3. Tomás e a cultura popular

A primeira coisa que se impõe à nossa observação é a importância da linguagem na obra de Tomás e do homem medieval em geral. O Aquinate – afirma Lauand – é um filósofo altamente comprometido com a linguagem. Não nos referimos aqui à linguagem técnica, mas à linguagem do povo. Posicionar-se criticamente ante a linguagem popular, fazendo dela o seu laboratório de pesquisa na elaboração do seu filosofar, eis como procedia o *Boi Mudo da Sicília*. Partia da linguagem do povo – como de um prolegômeno inolvidável – e colhia aí o seu material. Doravante, pondo-se criticamente diante dos dados que recolhia das experiências próprias do dia-a-dia, construía os seus argumentos, estruturava sua filosofia.¹²

Aliás, não só Tomás, mas toda a Idade Média está bem longe de ter a erudição clássica. A cisão entre filosofia e cultura popular é um fenômeno estranho aos medievais. Ao contrário, o medievo sempre se caracterizou por valorizar e estimular a cultura do povo.¹³

¹² LAUAND, Luiz Jean. **Antropologia e Formas Cotidianas: Filosofia de Tomás e Nossa Linguagem no Dia-a-Dia**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. pp. 33 e 34. “E, assim, a linguagem, a língua viva do povo, acaba por ser em muitos casos a depositária das grandes experiências esquecidas. E, se quisermos resgatar o sentido do humano que elas encerram, devemos voltar-nos, criticamente, para esse depósito... Não é de estranhar, pois, que num clássico como *Tomás de Aquino encontremos uma filosofia altamente comprometida com a linguagem*.” (O itálico é nosso).

¹³ LAUAND, Luiz Jean. **Deus Ludens - O Lúdico no Pensamento de Tomás de Aquino e na Pedagogia Medieval**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. p. 13: “*De fato, a Idade Média não tem, nem de longe, a erudição clássica; mas valoriza e fomenta a cultura popular*. E é a partir do Renascimento, como faz notar Regine Pernoud, que encontramos até mesmo proibições legais da cultura popular: como as sentenças de 1542 do Parlamento, proibindo o teatro popular - de tradição medieval - precisamente por ser popular.” (O itálico é nosso).

O sábio medieval valorizava a vida do povo, porquanto acreditava poder encontrar nela, para além da sua aparente superficialidade, uma gama enorme das mais sugestivas e instigantes experiências humanas oriundas, pois, da própria natureza do homem.

4. Aplicações

Passemos a frequentar alguns textos tomásicos a fim de vermos como ele se vale da cultura do povo para construir a sua síntese.

4.1. A flecha e o arqueiro

Estamos na *quinta via* para se provar a existência de Deus. Ela parte do *governo das coisas*. Ora, para explicar que coisas destituídas de conhecimento não podem tender para um fim, a não ser que sejam movidas por algo inteligente, o Aquinate recorre à flecha que, se não for atirada pelo arqueiro, não pode rumar para o seu alvo: “Ora, aquilo que não tem conhecimento não tende a um fim, a não ser dirigido por algo que conhece e que é inteligente, como a flecha pelo arqueiro”¹⁴.

Em sua *teologia da predestinação*, Tomás volta a recorrer ao exemplo. De fato, nada pode alcançar um fim que exceda à sua natureza, salvo se for transportado para lá. Como a flecha não pode por si atingir o arco se não for antes lançada pelo arqueiro, assim também a criatura racional não pode alcançar a vida eterna, se não for para lá transportada por Deus.¹⁵

Para tornar claro que também as coisas destituídas de conhecimento seguem uma ordem racional, lança mão do mesmo exemplo. De fato, a flecha, quando lançada pelo sagitário, dirige-se para o seu alvo comportando-se como se tivesse razão.¹⁶

¹⁴ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001I, 2, 3, C.

¹⁵ *Idem. Ibidem.* I, 23, 1, C: “Ora, o que não se pode alcançar com o poder de sua natureza, é necessário que seja transmitido por um outro: como a flecha é lançada para o alvo pelo arqueiro. Por isso, para falar com exatidão, a criatura racional, que é capaz da vida eterna, é para ela conduzida como que transportada por Deus.”

¹⁶ *Idem. Ibidem.* I-II, 13, 2, C: “Por isso também, em todas as coisas movidas pela razão, embora não possuam razão, verifica-se a ordem da razão do movente. Assim, uma seta dirige-se diretamente ao alvo pela moção do sagitário, como se ela tivesse razão.”

Ora, a partir dos exemplos citados acima, podemos já começar a registrar como a cultura popular serve de instrumento para a explicação da teologia. Com efeito, por meio da atenta observação dos fatos do dia-a-dia, encontra o teólogo inspiração para a elaboração da sua teologia. Sem embargo, nada mais corriqueiro ao homem medieval do que um arqueiro e a sua flecha. No entanto, nada mais inusitado do que encontrar num arco e flecha a prova da existência de Deus ou a exemplificação da doutrina da predestinação. Só mesmo um poeta ou um filósofo poderia encontrar em algo tão comum, coisa tão incomum!

4.2. *Pedro, pedra, urina e fogo: O carpinteiro em teologia*

Continuemos ainda na *teologia natural* do Aquinate. Desta feita, ele quer esclarecer que o conhecimento geral e confuso que temos de Deus naturalmente não é suficiente para provar a sua existência. Este conhecimento natural em nós impresso pela própria natureza, diz-nos apenas da nossa aspiração inelutável pela felicidade. Todavia, há entre este desejo indeclinável pela felicidade e o conhecimento de que esta felicidade seja Deus, a mesma diferença entre saber que alguém está chegando, sem, contudo, conhecer que este alguém seja Pedro.¹⁷

A *quarta via* explica que o que se encontra no mais alto grau num determinado gênero, é causa de tudo o que é deste gênero. Ora bem, o Aquinate elucida esta doutrina, assaz abstrata, com um sugestivo exemplo: com efeito, no fogo se encontra o grau máximo do que é ígneo. De forma que o fogo é causa de tudo o que é quente. Ora, da mesma forma Deus. Destarte, sendo ele a *Suma Perfeição*, é causa de todas as perfeições das criaturas.¹⁸

Com efeito, através de metáforas tiradas do que há de mais comum na experiência humana – o fogo que aquece e queima os corpos – “*des-cobre*” ao interlocutor uma verdade metafísica tão profunda: que as criaturas participam do ser e da bondade do seu Criador.

¹⁷ *Idem. Ibidem.* I, 2, 1, ad 1: “Portanto, deve-se dizer que está impresso naturalmente em nós algum conhecimento geral e confuso da existência de Deus, isto é, Deus como a felicidade do homem, pois o homem deseja naturalmente a felicidade, e o que por sua própria natureza ele deseja, naturalmente também conhece. Mas nisso não consiste em absoluto o conhecimento da existência de Deus, assim como conhecer que alguém está chegando não é conhecer Pedro, embora seja Pedro que está chegando.”

¹⁸ *Idem. Ibidem.* I, 2, 3, C: “Por outro lado, o que se encontra no mais alto grau em determinado gênero é causa de tudo o que é desse gênero: assim o fogo, que é quente, no mais alto, é causa do calor de todo e qualquer corpo aquecido, como é explicado, no mesmo livro. Existe então algo que é, para todos os outros entes, causa de ser, de bondade e de toda perfeição: nós o chamamos Deus.”

Ademais, que são mais perfeitas na medida em que mais se aproximam da bondade do seu Criador, como, de resto, os corpos mais quentes são aqueles que se encontram mais próximos do calor do fogo.

Além disso, para explicar que os nomes que exprimem de modo próprio as perfeições das criaturas, não podem ser aplicados a Deus senão por analogia, Tomás recorre a um exemplo muito instigante. Os nomes, pois, que indicam o modo com que tais perfeições se encontram nas criaturas, podem ser aplicados a Deus somente metaforicamente, assim como se diz, apenas metaforicamente, que um homem duro de entendimento é como uma pedra.¹⁹

Além do mais, quando afirmamos que a mesma realidade acha-se em muitas coisas, mister é notar que esta mesma realidade encontra-se de modo próprio apenas em uma delas e que é em relação a esta que ela é atribuída às demais. Por exemplo: a saúde encontra-se de modo próprio somente no animal que é são. Entretanto, analogicamente, podemos dizer que o remédio é são, porquanto causa a saúde e que a urina é são enquanto é sinal da saúde.

Ademais, esta relação de proporção pode acontecer entre duas coisas entre si. Por exemplo, quando se diz simplesmente que o remédio é são enquanto causa a saúde e que a urina é são enquanto é sinal dela. Ora, é conforme este segundo modo que os nomes podem predicar-se a Deus e às criaturas, de acordo com uma relação de proporção.

De sorte que é valendo-se do bom funcionamento dos rins e do aparelho urinário como efeitos da saúde e do tratamento ambulatorial e farmacológico como causas dela, que Tomás explica a causalidade existente entre Deus e a criatura, a qual permite, por sua vez, que o mesmo nome seja aplicado ou atribuído, sem univocidade (*univoque*) e nem pura equivocidade (*puram aequivocationem*), mas analogicamente (*analogice*): a Deus e à criatura.²⁰

Agora bem, como é possível passar com tanta naturalidade, da urina do animal para a relação Deus/criatura? Não nos causa certa estranheza, que do mais comum dos fatos se passe para a mais alta das questões metafísicas? Enfim, que de uma simples realidade vista a “olho nu”, se passe ao mais profundo mistério? Ora, isto é possível para um intelecto que não

¹⁹ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2. I, XXX, 1 (276): “Mas qualquer nome que exprima estas perfeições de modo próprio às criaturas não se pode predicar de Deus senão por semelhança ou metáfora, pela qual se transfere a uma coisa o que é próprio de outra, como quando dizemos de um homem duro de entendimento, que é *pedra*.”

²⁰ *Idem*. **Suma Teológica**. I, 13, 5, C: “É preciso dizer que os nomes em questão são atribuídos a Deus e às criaturas segundo proporção. E isto acontece com os nomes de dois modos. Ou porque muitos são proporcionais a um único, como o *sadio* se diz do remédio e da urina porque um e outro têm relação e proporção com a saúde do animal: um como sinal e outro como causa; ou porque um é proporcional ao outro, como *sadio* se diz do remédio e do animal, sendo o remédio causa da saúde, que se encontra no animal. É segundo esta maneira que alguns termos são atribuídos a Deus e à criatura por analogia, nem equívoca, nem univocamente.”

enxergue contradição entre o que é popular e o que é erudito. Ver nas coisas mais simples o mistério do ser, descobri-lo no que está diante dos nossos olhos, eis o papel do filósofo.

Imagine um professor que, durante uma aula de angeologia, consegue explicar que uma natureza não pode desejar aniquilar-se, nem mesmo para se tornar uma superior, com o exemplo: “(...) o asno não deseja ser cavalo, até porque, se lhe fosse mudada a natureza para um grau superior, não seria mais ele mesmo”²¹. Assim era Tomás!

Novamente temos Deus como protagonista. Axiomas como: “nada pode mover-se a si mesmo”, parecem se justificar mediante as mais simples realidades. Destarte, negar a existência de um primeiro motor – agente principal – seria como admitir que serras e machados, sozinhos, pudessem construir arcas e catres, sem a intervenção de um carpinteiro. De fato, isto é ridículo, pois os instrumentos só agem enquanto são movidos pelo agente principal. Ora bem, do mesmo modo que precisamos supor o carpinteiro para explicar a existência de leitos e arcas, precisamos admitir Deus como primeiro motor, para explicar o movimento, a ordem e a contingência do mundo:

É ridículo, porém, até para os menos instruídos, imaginar instrumentos que não sejam movidos por um agente principal. Seria como pensar em construir arcas ou leitos só com cerras e machados, mas sem o carpinteiro que os fizesse. Por isso, é necessário que exista um primeiro motor, supremo na sucessão dos movimentos das coisas que se movem uma às outras. A este primeiro motor, chamamos Deus.²²

4.3. Não ter cabelos loiros não é um mal

Para explicar que não é qualquer imperfeição que podemos designar como um mal, Tomás usa de um exemplo, tão lúdico quanto curioso. Com efeito, se ao homem faltam-lhe asas, e, por conseguinte, não pode voar, isto não é um mal para ele simplesmente porque ele não foi feito para voar. De igual maneira, se um homem não tem cabelos loiros – e nem olhos azuis! – isto também não é um mal, pois, embora pudesse tê-los, não é necessário que os tenha para que seja um homem normal. Ao contrário, se lhe faltam às mãos, isto sim é um

²¹ *Idem. Ibidem.* I, 63, 3, C.

²² TOMÁS DE AQUINO. *Compêndio de Teologia*. 2ª ed. Trad. D. Odilão Moura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. I, I, III, 2.

mal, pois as mãos são um bem devido a sua natureza humana.²³ Por isso mesmo, o mal não é a ausência de qualquer bem, mas sim a ausência de um bem devido. A este tipo de ausência chamamos privação: “Ora, toda privação tomada própria e estritamente é daquelas coisas que alguém está destinado a tê-las e deve tê-las”²⁴.

4.4. A esposa do ladrão

Agora o nosso teólogo quer nos mostrar como o bem particular pode se opor ao bem comum, ainda que só acidentalmente. De fato, o juiz que quer a morte do ladrão, tem uma vontade justa quando sentencia a morte deste, pois cabe a ele zelar pelo bem comum. Entretanto, também não é má a vontade da esposa do ladrão, que, pensando no bem da família, não deseja a morte do seu marido.²⁵

Porém, o bem comum é melhor do que o bem de um só. Com efeito, o Aquinatense pensa a sociedade como sendo um homem tomado em grandes proporções. Agora bem, o médico, quando percebe que a perna gangrenada causará a decomposição do corpo do doente, para o bem deste amputa-lhe o membro, a fim de salvar o corpo. Ora, de igual maneira o governante, pensando no bem comum, mata, sem prejuízo algum, o homem maléfico para que ele não coloque em risco todo o corpo social, ainda que isto lhe custe o sofrimento de sua esposa e filhos.²⁶

Ora, uma questão gravíssima como a pena de morte é esclarecida por meio de um exemplo tão tragicamente costumeiro: o homem que rouba; a sanção que lhe é devida e a família abalada. Entra-se numa análise “psicológica” do episódio e, com o exemplo da perna

²³ *Idem. Suma Contra os Gentios*. III, VI, 3 (1899): “O mal numa substância resulta de que lhe falta algo para o qual ela se destina ou deve ser, como, por exemplo, se o homem não tem asas não é mau, porque não foi feito para tê-las. Se também ele não tem cabelos loiros não é mau, porque embora os tenha, não lhe é necessário tê-los; no entanto, é um mal não ter mãos, porque pela natureza deve tê-las, se é perfeito.” (O itálico é nosso).

²⁴ *Idem. Ibidem*.

²⁵ *Idem. Suma Teológica*. I-II, 19, 10, C: “Está claro isso no exemplo citado, pois o juiz tem o cuidado do bem comum, isto é, da justiça, e por isso quer a morte do ladrão, o que tem razão de bem, relativamente à ordem social. A esposa do ladrão, porém, deve considerar o bem particular da família, e por isso quer que o marido ladrão não seja morto.”

²⁶ *Idem. Suma Contra os Gentios*. III, CXLVI, 5 (3197): “Além disso, como o médico, ao agir, deseja a saúde do paciente, que consiste no devido equilíbrio dos humores, também o dirigente da sociedade deseja, no seu trabalho, a paz, que consiste na harmonia ordenada dos cidadãos. Ora, o médico com razão utilmente corta o membro gangrenado quando está iminente a decomposição do corpo. Por isso, também o governante da sociedade justa e inculpavelmente mata os homens maléficos, para que eles não perturbem a ordem social.”

gangrenada, se esclarece a opção pelo bem comum. Torna-se claro que, inobstante o bem particular não seja um mal, o bem comum é maior que o bem de um só, assim como todo o corpo é mais importante do que apenas uma parte deste: a perna.²⁷ Tantos que seriam incapazes de entender a argumentação, no seu enfoque “propriamente filosófico”, veem-se então contemplados e persuadidos por meio da explicitação deste exemplo.

4.5. *Sexo e vergonha*

O Aquinate encontra ainda uma forma inusitada para explicar a relação do vergonhoso com o sexual. A vergonha se dá nos atos sexuais, porque neste momento os órgãos genitais não se sujeitam à razão... Daí que, mesmo no matrimônio, o sexo e os prelúdios sensuais, veem-se sempre acompanhados por certo sentimento de vergonha, que obriga os consortes a recolherem-se em sua alcova.²⁸

A par de um juízo crítico sobre o exposto, o que gostaríamos de ressaltar é o fato de um frade medieval fazer uma descrição tão minuciosa do ato sexual de um casal. Decerto trata-se de um atento observador, cuja fina psicologia revela o sentido do pudor, do recato e do decoro. Podemos imaginar também que, destas experiências, Frei Tomás possa ter-se instruído com os penitentes em confissão?

5. *Conclusão*

Exemplos análogos poderiam ser citados em barda. No entanto, para o objeto deste estudo, estes nos parecem suficientes. Esperamos ter mostrado como o pensamento de Tomás está voltado para o dia-a-dia e como dele retira as respostas para as mais diferentes questões.

²⁷ *Idem. Ibidem.* III, CXLVI, 4 (3196): “Além disso, o bem comum é melhor que o bem particular de um só. Por isso, pode-se excluir o bem particular, para a conservação do bem comum.”

²⁸ *Idem. Suma Teológica.* II-II, 151, 4, C: “(...) Ora, eles se envergonham, sobretudo, dos atos sexuais, a tal ponto que, como diz Agostinho, o próprio ato conjugal, que se reveste da honorabilidade do matrimônio, não está isento desse sentimento de vergonha. E isso porque o movimento dos órgãos genitais não se sujeitam ao comando da razão, como o movimento dos demais membros externos. Envergonha-se, porém, o homem não só da relação sexual, mas também de tudo o que é sinal dela, como diz o Filósofo.”

O mais das vezes, não é o *vocabulário técnico* da *Suma* que esclarece a questão, mas os exemplos e as metáforas tirados do cotidiano. Isto procede da convicção que se tem de que a linguagem do povo abriga ou esconde experiências profundamente humanas que necessitam ser redescobertas. É como se o filósofo fosse um arqueólogo da sabedoria popular. Daí o respeito que Tomás tem pela terminologia vulgar. Neste sentido, Tomás, na abertura da *Suma Contra os Gentios*, quando quer definir qual seja a função do sábio, busca tal definição, não nos livros dos filósofos, mas num “ditado popular”. É que, para ele, é antes de tudo a terminologia popular que precisa ser levada em conta. Como ele próprio alude: “Na terminologia vulgar, que o Filósofo diz ser conveniente respeitar ao se dar nome às coisas (...)”²⁹.

De coisas rotineiras que todo mundo sabe, que todo mundo diz e que todo mundo vê, o filósofo tira o que poucos concebem, o que poucos dizem ou o que poucos percebem. É que o filósofo encontra nestes fatos corriqueiros uma evidência inexorável de veracidade, que serve de certeza inspiradora para a confecção de suas investigações mais profundas.

Com efeito, o que é afirmado por todos é impossível ser totalmente falso. A opinião falsa é uma certa fraqueza da inteligência., como por exemplo, um juízo falso a respeito do objeto próprio dos sentidos acontece por fraqueza dos sentidos. Ora, os defeitos são acidentais, porque estão fora da inclinação da natureza. Ademais, o que é acidental não pode ser sempre e em tudo, como, por exemplo, o juízo feito a respeito de um gosto comum não pode ser falso. Logo, o juízo que por todos é feito a respeito da verdade não pode incidir em erro.³⁰

²⁹ *Idem. Suma Contra os Gentios. I, I, 1 (2).*

³⁰ *Idem. Ibidem. II, XXXIV, 1 (1106).*

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO. **Contra os Acadêmicos**. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. Joaquim Pereira Figueiredo. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **A Ordem**. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. Bento Silva Santos e Joaquim Pereira de Figueiredo. São Paulo: Paulus, 2008.

FRANGIOTTI, Roque. **Introdução à Vida Feliz**. In: Agostinho. **Solilóquios/ A Vida Feliz**. Trad. Ir. Nair de Assis Oliveira. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998.

Introdução ao Banquete de Platão. In: Platão. **Apologia de Sócrates/ Banquete**. Trad. Jean Melville. Rev. Antonio Carlos Marques. São Paulo: Martin Claret, 2002.

LAUAND, Luiz Jean. **Antropologia e Formas Cotidianas: Filosofia de Tomás e Nossa Linguagem no Dia-a-Dia**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006.

_____. **Deus Ludens - O Lúdico no Pensamento de Tomás de Aquino e na Pedagogia Medieval**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006.

_____. **Método e Linguagem no Pensamento de Joseph Pieper**. LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006.

_____. **O Filósofo e o Poeta**. Disponível em: <http://www.hottopos.com/geral/naftalina/poet.htm>. Acesso em: 13/08/2006.

PIEPER, Joseph. **Prólogo a Lesebuch**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Método e Linguagem no Pensamento de Joseph Pieper**. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006.

TOCCO, Guilherme de. **Vita Sancti Thomae Aquinatis**. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. **Santo Tomás de Aquino: O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUC, 1992.

TOMÁS DE AQUINO. **Compêndio de Teologia**. 2º ed. Trad. D. Odilão Moura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v.

_____. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.